

# **Las manifestaciones de los hinchas en los estadios de fútbol: lo legítimo y lo no legítimo de ser cantado en las canchas de fútbol de Brasil.**

Gustavo Andrada Bandeira.

Cita:

Gustavo Andrada Bandeira (2015). *Las manifestaciones de los hinchas en los estadios de fútbol: lo legítimo y lo no legítimo de ser cantado en las canchas de fútbol de Brasil*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/950>

## **Las manifestaciones de los hinchas en los estadios de fútbol: lo legítimo y lo no legítimo de ser cantado en las canchas de fútbol de Brasil**

Gustavo Andrada Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

[gustavoabandeira@yahoo.com.br](mailto:gustavoabandeira@yahoo.com.br)

Las actitudes de los hinchas en los estadios de fútbol producen narrativas. Estas narrativas se construyen de manera agonística, en la relación entre nosotros y ellos. No sólo es el juego lo que está en disputa, sino también diferentes representaciones entre ellas las de género, sexualidad y pertenencia étnica. La violencia se produce dentro de la cultura en un campo de luchas por la significación. En los estadios de fútbol, algunas canciones dirigidas a los oponentes y rivales pueden ser categorizadas como violentas, mientras que otras no reciben el mismo adjetivo. El propósito de esta ponencia es discutir cómo las manifestaciones verbales de los hinchas se han constituido como un problema a partir del análisis de dos partidos de Grêmio FBPA frente al Santos FC en el año 2014, donde el arquero Aranha fue llamado de *macaco* (mono) y *veado* (puto) por un grupo de hinchas de Grêmio. A partir de la cobertura realizada por los medios de comunicación me propongo a discutir qué canciones y términos se han problematizado en estos partidos.

Palabras clave: fútbol; violencia; género; sexualidad; pertenencia étnica.

A violência, como qualquer outro conceito que tem seu significado produzido na cultura, não pode ser lido como um conceito essencial, fixo ou estável. Nos estádios de futebol alguns cânticos ou xingamentos endereçados aos adversários ou as torcidas de equipes rivais poderão ser chamados de violentos enquanto outros não receberão a mesma adjetivação.

No futebol, a violência é um dos temas mais polêmicos e recorrentes na mídia especializada. Práticas corporais dos atletas poderão ser chamadas de violentas ou serem entendidas como encaixadas no contexto das partidas. Algumas das manifestações de violência que aparecem nos estádios de futebol podem ser entendidas como uma característica importante e desejável em algumas representações de masculinidades. Se pensarmos que os estádios de futebol são um importante lugar em que se realizam

construções de masculinidade, algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas, o que fará com que deixem de ser consideradas violências.

Segundo Huizinga (1993) os jogos podem ser entendidos como suspensão temporária da vida comum. Esse espaço de experimentação permite alguns deslocamentos, especialmente aos entendimentos de seriedade que produzem as ações do cotidiano. Jornalistas esportivos e alguns pesquisadores acadêmicos demarcam uma hierarquização entre o que poderia ser entendida como violência “simbólica” de violência “real”. Conceitualmente, essa separação poderia lida da seguinte maneira: “a violência real, que é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica<sup>1</sup> é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (REIS, 2005, p. 114). Norbert Elias (1992) aponta que os esportes modernos estão envolvidos na tentativa constante entre manter certa tensão provocada pelos jogos e o controle da violência. No caso das torcidas de futebol e seus cânticos, como imaginar esse diálogo entre tensão, emoção e violência? Diversas narrativas sobre confrontos entre torcedores parecem tolerar as manifestações quando essas acontecem através dos cânticos e xingamentos.

O propósito deste ensaio é discutir como as manifestações verbais dos torcedores se constituíram em um problema a partir da análise de duas partidas do Grêmio FBPA contra o Santos FC durante o ano de 2013 em que o goleiro Aranha foi chamado de macaco e de veado por um grupo de torcedores do Grêmio. A partir da cobertura realizada pelos meios de comunicação me proponho a discutir que canções ou termos foram problematizados nessas partidas. O foco da problematização se dará a partir do que foi percebido como legítimo ou ilegítimo nas manifestações coletivas da torcida. Quais as possibilidades foram ampliadas ou restringidas a partir da punição ao Grêmio pelo episódio de envolvendo o jogador do Santos?

### “Macaco” e denúncia de racismo

Em 28 de agosto, Grêmio e Santos fizeram a primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil de 2014 na Arena do Grêmio em Porto Alegre. Próximo ao final da partida, o goleiro Aranha, da equipe paulista, afirmou que torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte (setor com ingressos mais baratos e que é

---

<sup>1</sup> Heloisa Reis não parece estar utilizando a expressão “violência simbólica” tal como Bourdieu a empregou, isto é, “o ato pelo qual os grupos dominantes impõem – como se fosse universal – sua cultura particular sobre os grupos dominados, ocultando que na origem desta imposição está um ato de força, ou seja, de violência propriamente dita” (SILVA, 2000, p. 111).

destinado aos torcedores que assistem às partidas em pé e às torcidas organizadas) o chamaram de “preto fedido” e “macaco”, além de imitarem sons de macaco em direção ao atleta. Ao ser ofendido, o goleiro voltou-se para os torcedores e bateu nos braços afirmando “Sou preto, sim. Sou negão, sim<sup>2</sup>”. Ao final da partida o goleiro se manifestou: “Fiquei bem nervoso. Com o perdão da palavra, fiquei p... Isso dói. Não é possível. Me chamaram de preto, de macaco. Bati no braço e disse que sou preto mesmo, se eles consideram isso como ofensa<sup>3</sup>”.

Após a partida o auditor do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) solicitou as imagens da mesma para verificar a viabilidade de apresentar denúncia contra o clube gaúcho. Na madrugada do dia 29 de agosto, o Grêmio emitiu nota solidarizando-se com o goleiro santista:

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense lamenta e repudia o ato de racismo ocorrido na noite desta quinta-feira, durante partida realizada pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio. O Clube se solidariza com o atleta Aranha e com seu clube, Santos, ressaltando que atos como esse são fruto de atitudes individuais e isoladas, que em nada representam a grandiosidade e o respeito da torcida gremista<sup>4</sup>.

O assessor de futebol do clube gaúcho, Marcos Chitolina defendeu punição aos torcedores ao mesmo tempo em que procurou eximir o clube de responsabilidade: “Não vamos compactuar com o racismo, mas o Grêmio não pode ser punido por um ato individual. A administração da Arena tem todas as condições de buscar a identificação. Assim que for encontrado, vai punir e tomar as medidas necessárias<sup>5</sup>”. O meia e lateral esquerdo Zé Roberto seguiu o mesmo raciocínio do dirigente e também foi bastante taxativo cobrando punição aos torcedores diretamente envolvidos:

É lamentável. No século 21, passar por isso, independente de quem seja, só tenho a lamentar. Aconteceu com um torcedor da nossa equipe contra um adversário. Se foi claro, e há imagem, tem que haver punição. Vivemos em um país racista. O Brasil é um país que infelizmente tem muito disso. Como se sabe quem é, tem que haver punição. Às vezes, numa situação como esta, o clube é punido. E não tem nada a ver. É um torcedor. O clube pode ser punido, sendo que quem tem que ser punido é quem teve este ato de racismo. Nunca passei por isso nem espero passar. Não quero falar muito porque fico indignado<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/08/racismo-grupo-de-gremistas-tira-aranha-do-serio-sou-negao-sim.html>. Acesso em 30/12/2014, às 15h36.

<sup>3</sup> Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/aranha-protesta-contrato-de-racismo-na-arena-doi-4585928.html>. Acesso em 02/01/2015, às 20h37.

<sup>4</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-se-solidariza-aranha-e-reitera-que-tomara-medidas-apos-racismo.html>. Acesso em 30/12/2014, às 16h03.

<sup>5</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-defende-punicao-torcedores-nao-vamos-compactuar-com-racismo.html>. Acesso em 31/12/2014, às 10h49.

<sup>6</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/ze-roberto-se-diz-indignado-e-pede-punicao-por-racismo-e-lamentavel.html>. Acesso em 31/12/2014, às 10h51.

O argumento de defesa do clube e responsabilização individual dos diretamente envolvidos pode ser pensado exclusivamente como uma tentativa de produzir ganho jurídico. Porém, é possível inserir essa argumentação em certo viés moral. “Partimos del hecho de que nadie acepta ser definido como violento dada la ilegitimidad de ese rótulo, entonces la clasificación de sujetos y acciones como violentas estigmatiza y funciona como forma de control social” (GARRIGA ZUCAL, 2010, p. 29). Nesse marco moral é necessário destacar desde o início que os violentos são os outros ou, no mínimo, isolar os protagonistas dos atos violentos.

O clube paulista também emitiu uma nota oficial lamentando o fato e lembrando uma campanha contra o racismo criada por conta de outro incidente envolvendo outro atleta do clube:

O Santos Futebol Clube mais uma vez vem a público se manifestar a respeito de um ato que considera inadmissível. Aranha, goleiro do elenco profissional, foi vítima de racismo no jogo contra o Grêmio, pelas oitavas de final da Copa do Brasil 2014. Apesar do Clube acreditar que trata-se de fato isolado, que destoa da postura do respeitado adversário e sua torcida, considera impossível ignorar a manifestação de parte daqueles que estavam na arena e proferiram gestos e palavras ofensivos dirigidos ao cidadão Mário Lúcio Duarte Costa, casado e pai de quatro filhos.

Para esse escudo, o ato representa a ignorância de uma minoria da sociedade, mas por reconhecer o seu compromisso social em colaborar para a inibição de qualquer ato de preconceito, defendendo a sua cultura e a posição de seus torcedores, simpatizantes e ídolos, o Peixe resgata, no dia de hoje, a campanha #RacismoNão. A mesma foi criada há menos de um ano, após situação semelhante que vitimou mais um grande ídolo do alvinegro praiano, o volante Arouca<sup>7</sup>.

Como em qualquer contexto cultural, algumas violências parecem ser mais violentas que outras. “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER, 2004, p. 89). A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação. Por vezes a violência que não inclui enfrentamentos corporais acaba sendo naturalizada, especialmente em contextos de multidões como os estádios de futebol. Alguns entendimentos também poderiam diminuir a importância dessa violência por entender que no esporte ou uma entre as características fundamentais do jogo é de que ele seria uma evasão da vida real com orientação própria (HUIZINGA, 1993). Em alguma medida, ações interditas em outras

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/santos-repudia-atos-de-racismo-na-arena-em-nota-oficial-4586181.html>. Acesso em 16/01/2015, às 9h59.

esferas da cultura ou do ordinário não possuiriam a mesma seriedade nesse contexto<sup>8</sup>. O ambiente do jogo, porém, nunca é fixo e seguro e a “vida cotidiana” sempre pode reafirmar sua proeminência devido a uma quebra de regras ou a um desencanto (HUIZINGA, 1993).

Dentro dessa lógica de naturalização ou de dificuldade de perceber os xingamentos como uma agressão ou como violência, o árbitro da partida Wilton Pereira Sampaio ao ser informado sobre o que estava ocorrendo por jogadores da equipe paulista e de um dos árbitros auxiliares fez uma reprimenda ao goleiro Aranha por este ter, supostamente, provocado a torcida batendo nos braços, em um gesto que ficou relacionado no futebol a uma demonstração de garra realizada pelos atletas e, eventualmente, por torcedores. Em um primeiro momento, o árbitro não fez constar em sua súmula o episódio de xingamentos dirigidos ao goleiro santista. Ele acabou fazendo um adendo a sua súmula e a encaminhou ao procurador do STJD, Paulo Schmidt, relatando o fato. Ao receber o adendo do árbitro, o procurador afirmou ter feito à solicitação das imagens. Ele afirmava que o Grêmio poderia ser enquadrado no artigo 243-G, do Código Brasileiro de Justiça Desportiva por “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência<sup>9</sup>”.

As novas arenas/estádios brasileiras construídas para a Copa do Mundo de 2014 ou seguindo as mesmas diretrizes sugeridas pelo Caderno de Encargos da Fifa (BANDEIRA; BECK, 2014) possuem um grande controle do público na tentativa de individualizar suas ações em um processo que, em alguma medida, poderia ser comparado ao modelo do Panóptico, que segundo Michel Foucault “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (2005, p. 167). Essa vigilância se aplicaria ao conjunto de torcedores. Com isso, esses sujeitos deixariam de ser entendidos como anônimos na multidão, o que algumas interpretações sugerem que produz um sentimento de inimizabilidade em suas condutas em função desse anonimato. Além desse sentimento de impunidade, o coletivo em estádios se permite algumas atitudes afastadas dos comportamentos prudentes da vida ordinária. Nos

---

<sup>8</sup> Na Argentina, o programa televisivo *El aguante* mostrava os cânticos da torcida com referências homofóbicas, racistas e xenofóbicas. Porém, “la cláusula del humor es el dispositivo que garantiza que en la representación estos intercambios sean simples bromas, un mero ejercicio lúdico” (SALERNO, 2005, p. 137).

<sup>9</sup> Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/arbitro-inclui-na-sumula-de-gremio-x-santos-caso-de-racismo-na-arena-4586196.html>. Acesso em 01/01/2015, às 20h42.

estádios a excitação é autorizada e incentivada fazendo com que os limites das ações possam ser questionados e constantemente rompidos e rearranjados.

No atual contexto, as câmeras não só olham como gravam os torcedores sem que esses tenham a exatidão do enquadramento ou da edição que está sendo feita. Essa “novidade” das atuais arenas corresponde a um processo disciplinar dos torcedores. É uma forma de condução das condutas que tende a ser mais barata e eficiente, pois opera em uma autorregulação das ações. “Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2005, p. 168). O modelo do Panóptico também individualiza as condutas. Esse processo de individualização dos sujeitos torcedores pode ser pensado como uma tentativa de manter mais fixos os marcadores identitários dos indivíduos dentro dos estádios o que poderia provocar uma diminuição das experiências de conjunto ao mesmo tempo em que poderiam facilitar o controle pelos organizadores dos eventos.

Um dia após a partida, o chefe da Polícia Civil, Guilherme Wondracek, fez um pedido aos torcedores do Grêmio que estavam na Arena: “O torcedor que estava próximo e não quer que seu clube seja prejudicado pode procurar a 4º Delegacia ou registrar através do disque-denúncia. As pessoas podem nos trazer informações que nos auxiliem a identificar os criminosos<sup>10</sup>”. Esse processo de fazer com que a torcida regule a torcida segue essa lógica do regime disciplinar. Em um contexto ideal, não será ou não seria mais necessário pedir o auxílio da torcida. Esse auxílio aconteceria “naturalmente”. Não deixa de ser curiosa, nessa solicitação, que a estratégia adotada pelo policial para sensibilizar as potenciais testemunhas tenha sido a punição ao clube e não o ato racista.

A Brigada Militar solicitou as imagens do incidente aos gestores do estádio, “com 240 câmeras, sendo 25 delas de alta definição, o sistema de monitoramento grava as imagens em um servidor. Assim, podem ser disponibilizadas ao Grêmio, à Polícia ou ao Ministério Público para averiguações<sup>11</sup>”. Uma dessas imagens, que não foi produzida pelos administradores do estádio, mas pelo canal de televisão ESPN, flagrou a torcedora Patrícia Moreira gritando o termo “macaco”. A torcedora acabou sendo colocada como

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/policia-pede-que-torcedores-denunciem-envolvidos-em-atos-racistas-114300.html>. Acesso em 01/01/2015, às 21h14.

<sup>11</sup> Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/arbitro-inclui-na-sumula-de-gremio-x-santos-caso-de-racismo-na-arena-4586196.html>. Acesso em 01/01/2015, às 21h10.

a principal responsável pelas ofensas dirigidas ao goleiro. Ela passou a ser ameaçada e teve que deixar sua residência, que chegou a ser alvo de pedradas, após a divulgação das imagens.

#### A proibição do termo “macaco” na torcida do Grêmio

A partir do jogo seguinte, a torcida Geral do Grêmio (principal torcida organizada do clube) não possuiu mais a legitimação anterior em relação aos cânticos que utilizavam o termo “macaco” e sua derivação “macacada” para referir-se ao coletivo de torcedores do SC Internacional (as torcidas de Grêmio e Internacional cumprem o mesmo ritual de xingar os torcedores rivais da dupla Gre-Nal, mesmo quando os confrontos não incluem os dois adversários históricos). Essas manifestações até então estavam ancoradas em sua permissividade histórica. “Nos estádios [...] são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois, assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos” (DAMO, 2014a, p. 25). A torcida acabou suspensa pelo presidente do clube que passou a não mais admitir a histórica manifestação. Ao longo dos anos esses cânticos sempre foram questionados quando casos de racismo eclodiam no futebol. Nos demais momentos “ordinários” esses cânticos não eram noticiados ou apontados como violentos, o que, em alguma medida, mostra como esse termo ou essa violência estava naturalizado no contexto dos torcedores de futebol. Apesar das discussões ocasionais, os cânticos se mantiveram inalterados até o jogo em que goleiro Aranha foi ofendido.

O caso Aranha foi o segundo ocorrido na Arena do Grêmio em um intervalo de cinco meses. Após a primeira partida da final do Campeonato Gaúcho, o zagueiro Paulão, do Internacional, foi chamado de macaco por um torcedor do Grêmio. O caso envolvendo o defensor colorado acarretou uma multa de R\$ 80 mil ao clube. O torcedor que xingou o jogador não foi identificado. Existem representações bastante distintas em relação à classe social dos torcedores de Grêmio e Internacional. Muitas dessas explicações encontram-se nos mitos de origem dos clubes, onde os fundadores do Internacional teriam se constituído a partir de sujeitos rejeitados pelo Grêmio por não possuírem a mesma origem étnica (germânica, aristocrática...). Explicações como essas são muito utilizadas para demarcar as fronteiras entre uma “elite branca” e o “povo negro” colorado. No Brasil preconceitos e representações étnicas e de classe acabam se confundindo, associando e complementando. A discussão aqui não se dá na verificação



da correspondência original da formação dos clubes, mas seus efeitos em relação às representações dos mesmos e a de seus torcedores. Em estudo anterior (BANDEIRA, 2009) destaquei a presença do termo macaco nos estádios Olímpico, antigo estádio do Grêmio, e Beira-Rio, estádio do Internacional. É por macaco que os gremistas se referiam aos colorados. Ao mesmo tempo, esse termo era positivado no Beira-Rio como marcador identitário. Dentro da rivalidade Gre-Nal, o Internacional foi o primeiro clube a admitir atletas negros. Essa aceitação permitiu a consolidação da imagem do Internacional como “clube do povo”<sup>12</sup>.

Em julgamento no STJD, no dia 3 de setembro, o Grêmio acabou excluído da Copa do Brasil de 2014 (o clube corria o risco de ser excluído da competição ou perder dez mandos de campo em jogos do Campeonato Brasileiro), além de ter sido multado em R\$ 54 mil (R\$ 50 mil referentes ao caso de injúria racial, R\$ 2 mil por um rolo de papel higiênico arremessado em direção ao gramado e outros R\$ 2 mil por atraso da equipe ao entrar em campo).

Após o resultado do julgamento, a própria torcida Geral do Grêmio (principal ocupante do setor Arquibancada Inferior Norte de onde partiram as ofensas ao goleiro santista) banuiu o termo “macaco” de seus cânticos. Os cânticos foram citados durante o julgamento do clube no STJD. No vídeo em que divulgou a suspensão do termo, a torcida afirmava que o mesmo não possuía caráter racista. A suspensão se daria “por tempo indeterminado, até que seja esclarecido que cantar a palavra dentro do contexto do folclore do futebol não é um ato racista”<sup>13</sup>. Aqui a disputa pela legitimidade ou não do termo “macaco” evidencia o campo de disputas culturais em que essas definições se colocam.

Dado que las nociones de violencia pueden no ser uniformes ni siquiera dentro de una misma cultura, la legitimidad es un elemento crucial en lo que se reconoce o no como violencia. Hay que rastrear en la legitimidad de los actos para ver qué se define como violencia. Aquí es necesario pensar las tensiones que existen entre distintas legitimidades, entendiendo que muchas veces lo legítimo para una mayoría no lo es para todos (GARRIGA ZUCAL, 2010, p. 29).

A partir dessa data, e até o final da temporada de 2014, o termo que era autorizado historicamente na Arena do Grêmio e, muito antes, no estádio Olímpico

---

<sup>12</sup> “Embora a vinculação do Inter com ‘o povo’ seja anterior à década de [19]40, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do clube do povo” (DAMO, 2002, p. 105).

<sup>13</sup> Disponível em [http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/geral-reitera-suspensao-de-canticos-mas-nao-ve-racismo-no-termo-macaco-entoado-pela-torcida-4594378.html?utm\\_source=Redes%20Sociais&utm\\_medium=Hootsuite&utm\\_campaign=Hootsuite](http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/geral-reitera-suspensao-de-canticos-mas-nao-ve-racismo-no-termo-macaco-entoado-pela-torcida-4594378.html?utm_source=Redes%20Sociais&utm_medium=Hootsuite&utm_campaign=Hootsuite). Acesso em 08/01/2015, às 17h56.

estava interdito. Daquele dia em diante não se ouviu mais “macaco” ou “macacada” na Arena do Grêmio.

O pleno do STJD acabou alterando a decisão em segunda instância, em julgamento ocorrido no dia 26 de setembro. Ao invés de excluir o clube gaúcho da competição, os auditores puniram o clube com a perda de pontos, o que somada à derrota na primeira partida cumpriu o mesmo efeito prático de eliminar o Grêmio da competição. O procurador do STJD, Paulo Schmitt argumentou que o clube precisaria ser responsabilizado pelos atos de seus torcedores. Segundo ele “não se separa o clube e a torcida. Quem separa tenta desinformar a sociedade. Clube e torcida é uma coisa só<sup>14</sup>”.

### O retorno de Aranha à Arena do Grêmio

Os jogos de futebol estão sempre inseridos em calendários e competições que ampliam a significação de um jogo específico (DAMO, 2014b). Grêmio e Santos voltaram a se enfrentar na Arena do Grêmio no dia 18 de setembro de 2014 pelo Campeonato Brasileiro. Seria um reencontro entre os clubes, o goleiro Aranha e o estádio em que os gritos racistas aconteceram em um intervalo de três semanas e quinze dias após a exclusão do Grêmio da Copa do Brasil<sup>15</sup>.

O goleiro Aranha foi alvo de ironias e protestos por parte dos torcedores do Grêmio incluindo aplausos quando o jogador retinha a bola até gritos como “vai, Branca de Neve” ou termos que desqualificavam as virtudes técnicas do jogador como “mão de alface” e “frangueiro”. O goleiro também foi muito vaiado desde o aquecimento e após praticar suas defesas. O grito “Aranha, veado” foi escutado durante toda a partida. A dimensão das vaias e dos gritos de “veado” fizeram o goleiro lamentar a postura dos torcedores: “Eu, sinceramente, esperava ser recebido de outra maneira. Acreditava que a grande maioria tinha repudiado as atitudes. Pelo que vi hoje, concordam com tudo. Acham isso bonito. Eles seguem a vida deles, e eu a minha<sup>16</sup>”. O goleiro santista entendeu que, pelo comportamento da torcida na partida, o coletivo de torcedores do Grêmio concordava com as agressões sofridas por ele na partida anterior. O goleiro

---

<sup>14</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/pleno-do-stjd-retira-tres-pontos-e-elimina-o-gremio-da-copa-do-brasil.html>. Acesso em 13/01/2015, às 10h59.

<sup>15</sup> No dia da partida a pena imposta ao clube gaúcho ainda não havia sido alterada.

<sup>16</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/vaias-ironias-e-alta-tensao-visao-da-torcida-no-retorno-de-aranha-arena.html>. Acesso em 08/01/2015, às 18h14.

argumentou, também, que seria comum atletas negros sofrerem ofensas racistas quando enfrentam o Grêmio:

Isso serve para mudar o pensamento das pessoas, porque tem gente que só melhora com medo. Muita gente não me xingou hoje com insultos racistas porque sabia que estava sendo filmada. Mas a intenção era a mesma. Eu vi isso hoje. A impunidade é tanta que, às vezes, quando a Justiça funciona, a gente acha estranho e começa a criticar. [...] Já há muitos anos isso acontece, é uma briga interna aqui. Todo mundo sabe, mas não fala. Vai deixando, empurrando, até quando der. Muita gente morreu, muita gente apanhou, muita gente lutou para que os negros tivessem direitos. Já que a gente conquistou os direitos, tinha que prevalecer<sup>17</sup>.

Questionado sobre as declarações do treinador do Grêmio, Luiz Felipe Scolari, que antes da partida afirmou que o jogador provocou a situação por prender a bola em demasia, o goleiro concluiu:

Rapaz, é complicado, porque é aquilo que eu falei. Às vezes, quando a Justiça funciona, a gente fica meio sem saber o que está acontecendo de verdade, começa a duvidar dos fatos. A imagem foi bem clara, não mostrou as 500, mil pessoas que estavam me xingando. Mostrou a garota, mas era muita gente me xingando. A polícia já estava lá no hotel quando eu acordei de manhã, ainda mais uma coisa pública. O pessoal é muito competente aqui<sup>18</sup>.

Nos mais de vinte e cinco anos que frequento estádios de futebol, as vaias sofridas pelo goleiro santista só se comparam as vaias recebidas por Ronaldinho Gaúcho no Olímpico e na Arena. O jogador, duas vezes eleito o melhor do mundo, foi revelado pelo Grêmio e saiu do clube “de graça” a partir da entrada em vigor da chamada “Lei Pelé<sup>19</sup>”, em 2001. O jogador esteve perto de retornar ao clube que o revelou no início de 2011 e após uma desgastante negociação acabou indo para o Flamengo, motivo pelo qual passou a ser referido pelos gremistas como “Pilantra” ou “Traíra”. Essa comparação é interessante, uma vez que o que afastou Ronaldinho dos gremistas foi uma suposta traição ao clube que o revelou. Essa associação poderia aproximar o goleiro Aranha do lugar de traidor por ter efetuado as denúncias sobre o episódio de racismo.

Não foram apenas os gremistas que discordaram das manifestações do atleta santista. Maior ídolo do “alvinegro praiano”, o “Rei do futebol”, Pelé criticou a atitude do goleiro. Para ele a ofensa não deveria ter sido respondida:

---

<sup>17</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/09/vaiado-aranha-desabafa-e-diz-que-nao-ira-dar-desculpas-para-esse-povo.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h21.

<sup>18</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/santos/noticia/2014/09/vaiado-aranha-desabafa-e-diz-que-nao-ira-dar-desculpas-para-esse-povo.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h21.

<sup>19</sup> Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 que instituiu normas gerais sobre o desporto e outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm). Acesso em 18/01/2015, às 10h48.

O Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar publico que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo<sup>20</sup>.

A naturalização do comportamento do torcedor não ocorre somente no futebol ou relacionada aos xingamentos étnicos. Em estudo sobre voleibol (BANDEIRA, 2013), pude observar como os atletas reforçavam que “torcedor é torcedor” e ouvir distintos xingamentos fazia parte da profissão. Na ocasião o meio-de-rede, Michael, do Vôlei Futuro foi alvo de ofensas homofóbicas que redundaram em uma pena de R\$ 50 mil ao SADA/Cruzeiro, maior pena aplicada na história do voleibol brasileiro. Curiosamente, o próprio Michael afirmou que estava acostumado a aguentar os xingamentos quando esses eram dirigidos pelos que ele chamou de “torcedores de futebol”.

Estive nessa partida no dia 18 de setembro e, além da dimensão das vaias e do uso indiscriminado do termo “veado” dirigidos ao goleiro, duas situações me chamaram a atenção. Primeiro, com a proibição do termo “macaco”, a torcida do Grêmio não fez referência ao Internacional, seu rival histórico. Os cânticos eram todos de incentivo ao time e não ofendendo o rival, como costumeiramente ocorria. A segunda situação que destaque ocorreu após a partida. Ao escutar as rádios locais percebi que as mesmas elogiaram o comportamento da torcida que, segundo elas, pressionaram, mas não ofenderam o goleiro.

O zagueiro Rhodolfo, do Grêmio, entendia que a reação da torcida foi normal durante a partida: “Cheguei na hora que ele levou pancada e falei para ele que não precisava reclamar. É normal a torcida vaiar, xingar. Acho que dessa vez não teve racismo, graças a Deus não aconteceu isso<sup>21</sup>”. A opinião do jornalista Hiltor Mombach foi bastante interessante. Segundo ele, os torcedores que gritaram “Aranha, veado” corroboraram os insultos racistas. Ele argumentou que o termo “veado” afirmava o insulto protegido pela impunidade<sup>22</sup>. Dois desdobramentos dessa avaliação merecem destaque. A ofensa dirigida ao goleiro nessa segunda partida, no caso o termo “veado” foi interpretado como uma ofensa racista e não ligada ao uso sexual ao qual o termo é

---

<sup>20</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>. Acesso em 21/05/2015, às 11h28.

<sup>21</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/jogou-em-todas-aranha-esfria-vaias-com-defesas-e-ataca-nos-microfones.html>. Acesso em 09/01/2015, às 10h15.

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/?p=34422>. Acesso em 21/05/2015, às 11h29.

costumeiramente associado no Brasil. Se entendermos que “el fútbol es un mundo organizado de manera polar. De un lado están los machos y del outro los no-machos. (...). Los no-machos son aquellos que no son adultos – ‘hijos nuestros’ – o son homosexuales, ‘putos’ para la jerga de tribuna” (ALABARCES, 2012, p. 76), a ofensa não poderia estar associada ao fato do goleiro não ter “aguentado” as ofensas? O segundo desdobramento se refere à impunidade. Sendo racismo ou injúria racial por que um termo específico seria passível de punição e o outro não? A ocorrência generalizada de “veados” nos estádios de futebol “inocentaria” o termo? A ofensa a comportamento sexuais desviantes “absolveria” o xingamento nesse contexto?

### O legítimo e o ilegítimo de ser cantado nos estádios de futebol no Brasil

As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem uma narrativa. Essa narrativa é construída de forma agonística, na relação entre nós e eles. Esse nós e eles poderia incluir os dois clubes em disputa, as duas torcidas, e, mais rotineiramente inclui os chamados clubes rivais. Não são apenas as partidas que estão em disputas, mas diferentes representações, dentre elas as regionais e de gênero, especialmente vinculadas às construções de masculinidades. Sendo o estádio de futebol um campo de construções da masculinidade o “enfrentamento” ao outro homossexual acaba sendo naturalizado. No futebol as masculinidades são dramatizadas, mas no futebol brasileiro, o pertencimento étnico acabou sendo posto de lado. Algumas narrativas, inclusive, destacam como o futebol foi e é protagonista na construção de uma “democracia racial” no Brasil. O termo “veado” tende a estar presente em todos os estádios, o “macaco” não. Além disso, todos os atletas poderão ser “vítima” do grito de “veado”, mas nem todos poderão ser chamados de macaco<sup>23</sup>.

Édison Gastaldo (2010) aponta como as trocas jocosas são constituintes das relações entre torcedores de clubes rivais ou envolvidos em enfrentamentos esportivos. O autor aponta, também, que esse espaço segue sendo hegemonicamente masculino. Arlei Damo (2014a) destaca ainda que o conteúdo dessas trocas está quase sempre relacionado com conteúdos de conotação sexual. As práticas sexuais cantadas, na maioria dos casos, diferenciam os sujeitos entre nós e eles vinculados a práticas de penetrar ou ser penetrado em uma narrativa diretamente vinculada as construções de

---

<sup>23</sup> Agradeço o professor Arlei Damo pela sugestão.

masculinidades. José Garriga Zucal (2010) aponta como as distinções entre “machos” e “putos” não está relacionada diretamente com identidades ou mesmo práticas sexuais. Porém, essa segue sendo a lógica de distinção para os integrantes das *hinchadas* argentinas.

Em alguma medida, é possível identificar a reação da torcida do Grêmio no retorno do goleiro Aranha à Arena através da vinculação ao clube por aquilo que Arlei Damo chama de clubismo, um “sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento” (2006, p. 41). É possível inferir que a percepção ética, estética e moral é atravessada por essa comunidade de sentimento. A participação dos torcedores se caracteriza pelo engajamento e pela sensibilização das emoções. O pertencimento clubístico também “articula um sistema que movimenta as emoções a partir da relação pendular entre identidades (nós) e alteridades (eles/outros)” (DAMO, 2014a, p. 1). Fazendo um exercício radical do conceito de clubismo me permito apostar que se entendêssemos a luta antirracismo como um par oposto à torcida do Grêmio, os torcedores dentro da participação engajada se colocariam sem muito titubeio ao lado da torcida do Grêmio em oposição à luta antirracismo. “O pertencimento clubístico é uma espécie de máscara e implica uma transição de uma personagem a outra. Particularmente, implica a identificação de um indivíduo a dada coletividade e, portanto, uma transubstancialização de indivíduo a persona” (DAMO, 2014a, p. 17). O sujeito individual poderia defender a luta antirracismo, o sujeito torcedor precisaria defender o Grêmio, “torcer é antes de tudo vivenciar uma interação que parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas” (TOLEDO, 2010, p. 177). Dentro dessa percepção clubística entre defender os direitos civis ou defender seu clube, os torcedores estariam mais propensos a fazer a defesa do clube.

Chama a atenção que as interdições relacionadas às manifestações nos estádios de futebol sejam excessivamente restritas a um determinado conteúdo. Um dos cânticos mais polêmicos escutados, antes da agressão dirigida ao goleiro Aranha tinha os seguintes versos: “Chora macaco imundo, tu nunca ganhou de ninguém, somos da banda mais louca, a banda louca da Geral, a banda que corre os macacos do Internacional”. Apenas o termo “macaco” ou o conteúdo racista aparece como um problema. A ameaça de “correr os macacos” é ignorada. Os usos do termo “veado” e as ameaças de matar um adversário permanecem inquestionáveis.

Se a luta antirracismo é uma demanda absolutamente justa, assim como outras que poderão aparecer, e parecem estar ganhando força nos estádios de futebol (BANDEIRA; SEFFNER, 2013), é necessário não desvinculá-la do processo de *gentrificação* dos estádios no Brasil<sup>24</sup>. Mesmo enxergando movimentações dos clubes apenas vinculadas aos riscos de punição desportiva e sendo absolutamente favorável as pautas dos direitos humanos, penso que é necessário problematizar ou questionar se esses conteúdos não estão aparecendo junto com a elitização do público e a restrição de comportamentos mais associados ao popular nas praças esportivas brasileiras.

## Referências

- ALABARCES, Pablo. Las hinchads. In: \_\_\_\_\_. *Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital intelectual, 2012, p. 63-92.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; BECK, Matheus Passos. As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios. In: *Esporte e Sociedade*, v. 23, 2014, p. 1-12.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. In: *Espaço Plural* (Marechal Cândido Rondon. Online), v. 29, 2013, p. 246-270.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Homofobia, masculinidade e esporte: o caso Michael. In: *Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos: anais eletrônicos*, 2013. p. 1-10.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “*Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: *Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a, p.1 -28. [no prelo]
- DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e das alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014b, p. 23-55.
- DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

---

<sup>24</sup> Ver Hollanda, 2014.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 39-99

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 30ª Edição, 2005.

GARRIGA ZUCAL, José (2010). *Nosotros nos peleamos: violência e identidade de uma hinchada de futebol*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

GASTALDO, Edison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. In: *Mana*, v. 16, 2010, p. 311-325.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (Orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

HUIZINGA, Johan. “Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural”. In: \_\_\_\_\_. *Homo Ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1993, p. 3-33.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

SALERNO, Daniel. Apología, estigma y represión. Los hinchas televisados del fútbol. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 129-158.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 85-104.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: metafísica do homem comum. In: *Revista de História (USP)*, v. 1, 2010, p. 175-190.